



**Josefa Moçambique, Clara Rebolo,
Joaquina de Nação e Quitandeira
Monjolo: catálogo de oficinas para o
ensino de História da escravidão**



Organizadora
Evelyn Beatriz Lucena

Sumário

Apresentação da organizadora	3
Apresentação às professoras e professores	4
Introdução às oficinas	8
Oficina 1: Josefa Moçambique: uma ideia na cabeça e um bilhete na mão	9
Oficina 2: Andarilhos da liberdade	16
Oficina 3: A beleza da resistência	22
Oficina 4: Encontro precioso	25
Análise de resultados	32
Sugestão de leitura	33
Referências bibliográficas	35

Apresentação da organizadora

Formada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professora na Educação Básica. É fruto da escola pública, fato que marca profundamente a trajetória acadêmica, e acredita no potencial transformador que a educação possui. Tem experiências na elaboração de oficinas pedagógicas para a reeducação das relações étnico-raciais e na pesquisa junto à documentação primária do período escravista (século XIX). Como mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PPGEH-UFRJ), sob orientação da Professora Doutora Giovana Xavier, desenvolveu a dissertação *Josefa Moçambique, Clara Rebolo, Joaquina de Nação e Quitandeira Monjolo: novas narrativas para o ensino de história da escravidão*. A pesquisa deu origem ao presente catálogo de oficinas para a educação básica.



Apresentação às professoras e professores

Carxs colegas,

O presente material didático é resultado da minha formação acadêmica no campo da reeducação das relações étnico-raciais. Após um processo de reflexão sobre a questão racial no Brasil, e mais especificamente acerca da temática da escravidão, observei como a Educação é um campo de atuação estrategicamente potente para a construção de uma sociedade consciente de seu passado e presente, e capaz de forjar novos futuros de liberdade e igualdade.

Para congregarmos conhecimento histórico, ensino e luta contra o racismo que estrutura a sociedade em que vivemos, esse material volta-se a refletir sobre o papel das mulheres negras na história de luta contra a escravidão no século XIX.

Porventura alguém pode questionar: por que trabalhar especificamente com mulheres negras? É possível recuperar essas histórias? Em primeiro lugar, é importante refletirmos que ensinar histórias de mulheres negras é levarmos para a sala de aula o passado daquelas que constituem hoje a maior parte da sociedade brasileira (*Dossiê Mulheres Negras*, 2009)¹. Por isso, um questionamento é importante: se somos maioria, por que estamos subrepresentadas ou estereotipadas nos currículos e salas de aula?

Foi movida por este pensamento que elaborei o material didático intitulado *Josefa Moçambique, Clara Rebolo, Joaquina de Nação e Quitandeira Monjolo: catálogo de oficinas para o ensino de História da escravidão*. Nele, apresento quatro oficinas pedagógicas que trazem um conjunto de atividades focadas em histórias de mulheres negras escravizadas. Essas trajetórias foram recuperadas a partir de anúncios de fuga de periódico *Diário do Rio de Janeiro* entre anos de 1830 e 1832. Cada oficina tem um plano de atividades, podendo ser selecionada pelo docente a partir das temáticas que julgar mais adequadas para a ocasião. A proposta é que os estudantes possam assumir papéis de protagonistas nas investigações junto às fontes e ao final realizarem atividades lúdicas de modo a explorar questões relacionadas ao afeto, autoestima, criatividade e representatividade.

Para iniciar, proponho que algumas questões sejam investigadas junto à turma sobre suas visões e referenciais em torno da importância histórica de mulheres negras para o Brasil. Espero que essa iniciativa possa gerar reflexões e provocar questionamentos e incômodos para as próximas etapas.

¹ Mulheres negras são maioria, mas ainda sofrem preconceito. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>. Acesso feito em 01/12/2018.

A primeira oficina *Josefa Moçambique: uma ideia na cabeça e um bilhete na mão* visa refletir sobre o trabalho negro feminino na culinária. Via de regra, este tema é interpretado como mais um dos ofícios que mulheres negras estavam empregadas nos lares senhoriais, reforçando a lógica de trabalho para o outro (a). No entanto, novas interpretações podem ser sugeridas partir da análise de fontes como os anúncios de fuga. Neles, verifica-se um papel de relevância de Josefa Moçambique na venda de doces a partir de seus saberes adquiridos. Com a história dessa quitandeira em fuga, proponho um paralelo à trajetória de uma empresária negra no ramo da culinária, Dida Nascimento, de modo a refletir sobre o empreendedorismo negro feminino no passado e no presente. Espero que as estratégias lançadas por duas mulheres negras em contextos históricos distintos possam chamar a atenção dos estudantes e que os mesmos estabeleçam diálogos acerca dessa experiência de trabalho que, dotada de ancestralidade, atravessou os séculos.

Sugerimos que duas fichas sejam respondidas para uma aproximação com a fonte e com a história de Josefa, de modo a ressaltar os pequenos detalhes do cotidiano de trabalho e condição de vida. Em seguida, na atividade 3, a criação de hipóteses será sugerida, estimulando assim o pensar historicamente. Por fim, nas atividades 4 e 5 trazemos uma reportagem sobre a biografia de Dida Nascimento para que relações passado-presente positivadas possam ser feitas no que tange ao trabalho de mulheres negras na culinária. A criação pelos estudantes de um diálogo fictício entre as personagens encerra a oficina de modo a instigar a imaginação histórica e a criação de outras representações sobre o ofício negro feminino.

A seguir, em *Andarilhos da liberdade*, a história de Clara Rebolo traz-nos a possibilidade de discutir as relações solidariedade forjadas no mundo escravista e as estratégias pensadas por escravizados. A atividade 1 volta-se para uma análise das informações contidas na fonte e estimulam a escrita dos alunos. É interessante a (o) professora (o) chamar a atenção para a questão da mobilidade física inerente aos serviços urbanos e também para elementos minuciosos como as roupas levadas no momento da fuga. Imergir nesse universo de detalhes e interpretá-los com auxílio do docente será muito interessante e possibilitará a desestabilização de noções que coisificam a população negra.

Sabemos que a narrativa do anúncio é breve e por muitas vezes é necessário unir fragmentos para compor uma resposta. Assim, na atividade 2 proponho que um exercício de imaginação histórica baseado nas discussões da oficina seja feito: a turma será convidada a desenvolver uma história explorando possibilidades de um desfecho para a trama vivida pelos

personagens. No caso do homem que acompanha Clara na evasão, temos poucas informações. Por isso, proponho que características como nome, idade, profissão sejam criadas a fim de que tais aspectos reveladores da sua humanidade sejam pensados e trabalhados em sala. Também, temas importantes da história da escravidão como a formação de redes de solidariedade e estratégias por autonomia e liberdade serão contemplados na produção escrita delas e deles de modo que sentimentos, ideias e desejos dos personagens possam vir à tona.

Por fim, a última atividade indica a elaboração de um jogo da memória a partir de elementos presentes na descrição da fuga. Proponho um conjunto de 5 pares, mas são apenas sugestões que podem ser aprimoradas. É interessante que tais peças do jogo possam ser impressas em um tamanho médio, caso seja realizado na mesa, ou grande, se realizado no chão. Para uma durabilidade maior é possível imprimir as imagens em um material resistente, colá-las em suportes como EVA ou até em material reciclável como papelão. Acredito que o jogo possa ser uma boa estratégia de ensino que possibilitará uma apropriação dos saberes ensinados através de uma forma lúdica.

A beleza da resistência é a terceira oficina do material e aborda questões relativas à desestabilização de histórias únicas quanto ao papel da mulher negra na história da escravidão. A primeira atividade volta-se para um exercício inverso ao que até então estava sendo feito: agora os estudantes devem produzir perguntas às fontes, tal como um pesquisador em História faz, e devem dizer o que mais lhes surpreendeu.

Para alcançar o objetivo de romper com estereótipos sobre a participação de mulheres negras na história do Brasil, o jogo das generalizações é proposto para que de modo divertido a personagem possa trazer novas perspectivas sobre o protagonismo de mulheres negras. Destaco que a questão das roupas, traços étnicos e o enaltecimento da beleza de Joaquina de nação podem ser trabalhados para discutir a construção de novas representações da mulher negra entre a turma. Assim, concluímos com a confecção de desenhos livres a partir das características apontadas no anúncio de fuga. Acredito que esse será um momento de valorização da estética da mulher negra com o uso do lápis de cera de tons de pele por cada um de nós.

Baseada na tradução da palavra *Abayomi*, do lorubá, *Encontro precioso* é a última oficina do material. Nela, um tema sensível que desperta a curiosidade e a atenção de muitos será trabalhado: a maternidade de mulheres negras em um contexto escravista. Para abordar esse assunto, dedico as primeiras atividades a uma análise da fonte para chegar até aos aspectos inerentes da personagem. Posteriormente, sugiro que a canção “Um corpo no mundo”

seja apresentada à turma e sirva de mote para falarmos do processo da travessia da África para o Brasil no século XIX. Outra boa ideia é falar da biografia da compositora e cantora Luedji Luna, mostrando uma foto e dados sobre sua carreira, pois apresentar referências negras de diversas áreas corrobora com a demanda da representatividade. É importante ouvir e analisar a letra da música. Em outras palavras, é preciso deixá-los experimentar a mensagem da letra e estimulá-los a expressar o que sentiram ou imaginaram.

Em grupos, a letra da canção será dividida e será solicitado que tais trechos sejam correlacionados com a trajetória da jovem personagem de nação Monjolo e escrevam, por exemplo “o trecho faz referência às viagens nas embarcações escravistas e mostra que esse processo era marcado por despedidas e separações de pessoas que tinham familiares e amigos. A personagem do anúncio de fuga vivenciou esse trauma e a fonte revela que sua região de procedência era a Monjolo. Ela era jovem e pistas como o seu falar atrapalhado e ausência de seu nome no anúncio pode nos sugerir que ela fosse recém chegada do tráfico de escravos”. É fundamental a(o) educadora(o) mediar esta interpretação e inserir alguns conteúdos histórico-escolares trabalhados sobre o tema.

Posteriormente, apresentamos a questão da maternidade da mulher negra no Brasil escravista e o ofício da ama de leite para serem discutidas. Aqui, proponho a construção de uma linha do tempo para que os estudantes, depois de se apropriarem de vestígios do passado, organizem os principais marcos da história em discussão. Também, proponho que os mesmos construam um desfecho para ela. Para finalizar o debate acerca de um tema tão caro, a oficina encerra-se com a confecção dos bebês Abayomi que representam o fruto da gravidez. A história por detrás da criação desses bebês de pano deve ser compartilhada na turma e para tal sugiro a leitura de texto de apoio.

Agora é com vocês! Eu espero que o material lance boas sementes de amor, sonhos e liberdade nesse chão fértil chamado escola. Que cresça. Que floresça.

Evelyn Beatriz Lucena
Professora de História

Introdução às oficinas

Alunas e alunos,

O material *Josefa Moçambique, Clara Rebolo, Joaquina de nação e Quitandeira Monjolo: catálogo de oficinas para o ensino de História da escravidão* foi elaborado para vocês no intuito de proporcionar experiências de ensino e aprendizagem sobre o protagonismo de mulheres negras no Rio de Janeiro escravista (século XIX). A partir de agora, conheceremos quatro mulheres que, embora não apareceram nos livros de História, construíram o Brasil com suas agências e resistências.

Antes de embarcarmos nessas trajetórias, conte aqui:

O nome de uma personagem negra do Brasil que lhe inspira e o porquê.

Seu livro ou apostila aborda a participação da mulher negra na História? Faça uma breve análise e dê um exemplo.

Quais são as principais palavras que vêm à sua cabeça quando você pensa nas mulheres negras escravizadas no Brasil?

OFICINA 1**Josefa Moçambique: uma ideia na cabeça e um bilhete na mão**

Tema: Cotidiano de mulheres negras no Rio escravista do século XIX
Título: Josefa Moçambique: uma ideia na cabeça e um bilhete na mão
Conteúdos Históricos: <ul style="list-style-type: none">-Cotidiano do Rio de Janeiro no século XIX-Resistências escravas-Empreendedorismo negro nos dias atuais
Tempo da atividade: 3 tempos de aula
Recursos necessários: <ul style="list-style-type: none">-Cópias do anúncio de fuga do Diário do Rio de Janeiro-Fichas a serem preenchidas-Reportagem sobre o Dida Bar e Restaurante-Papel para confecção de cartas
Objetivos da atividade: <ul style="list-style-type: none">-Analisar os pontos de vista de sujeitos históricos escravizados.-Identificar as agências cotidianamente forjadas pelos mesmos.-Refletir sobre a importância de mulheres negras no mercado de trabalho no passado escravista e nos dias de hoje.
Avaliação: A turma preencherá fichas elaboradas para o trabalho junto às fontes e criará cartas entre as personagens da oficina.
Sugestões bibliográficas: <ul style="list-style-type: none">-KARASCH, Mary Catherine. A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.-SOARES, Luís Carlos. O povo de Cam na capital do Brasil: a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: FAPERJ – 7Letras. 2007.

ATIVIDADE 1**Contato com fonte histórica**

Leia o anúncio de fuga abaixo e complete com as informações solicitadas.

65. Fugio na noite do dia 23, hu-
ma preta bem conhecida, de nação Mo-
çambique, de nome Josefa, a qual tem
a perna esquerda muito mais grossa que
a direita, por repetidas hiritipelas, foi
criada nos Cajueiros em huma casa que
fazem doces, e escrava de hum Alfaia-
te da rua detraz do Hospicio: furtou
a seu Sr. naquelle mesmo dia hum bi-
lhete de 100\$ rs., com o qual comprou
differentes vestidos, costuma dizer ser
forra, e tem sido vista na Cidade No-
va vendendo quitanda; quem a pegar
será bem recompçado na rua da Ca-
deia n. 19.

Diário do Rio de Janeiro, 28 de Dezembro de 1830. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

a) Tipo de fonte:

b) Assunto abordado:

c) Data de produção:

d) Quem a produziu:

e) Por que a produziram?

f) Como chegou até nós?

g) Para quê ela foi produzida?

ATIVIDADE 2

Conhecendo histórias negras femininas

Responda os itens abaixo com base na fonte histórica abordada:

a) Nome da personagem:

b) Nacionalidade:

c) Características físicas:

d) Profissão:

e) Idade:

f) Estratégia pensada pela personagem:

g) Informações sobre seu proprietário (a):

h) Recompensas:

ATIVIDADE 3**Construindo hipóteses**

Formule explicações para as seguintes situações:

a) Josefa ser “uma preta bem conhecida”

b) Josefa ter comprado “diferentes vestidos”

c) Josefa “dizer ser forra”

Atividade 4**Passados Presentes**

A partir da análise da fonte, é possível entendermos que Josefa era uma quituteira com experiência no ramo dos doces. Assim como ela, hoje importantes empreendedoras e empreendedores negros possuem uma carreira de destaque na culinária. Selecionamos a história da empresária Dida Nascimento para você se aprofundar no assunto. Vamos nessa?

Dida: Point de Sabores e Saberes

Bar e Restaurante que une gastronomia africana a pratos tradicionais com pitadas de música e cultura



O Dida é um bar com requinte de restaurante ou um restaurante com charme de bar? Há quem aposte que é tudo isso e muito mais. O tom da descontração fica por conta da decoração criativa com canecas, colheres de pau, fotos emblemáticas de personalidades negras, mesas e cadeiras de madeira. A iluminação deixa o espaço aconchegante. E o cardápio convida o cliente a degustar sabores marcantes, picantes e deliciosamente ousados e diferentes. Agora some afronegocio e culinária de alta qualidade, o resultado é: Dida Bar e Restaurante.

O empreendimento fica no Polo Gastronômico da Praça da Bandeira, Zona Norte do Rio de Janeiro, e cada dia ganha mais notoriedade. Para os frequentadores, já se tornou um point de encontros com amigos permeado com música e conversas fiadas e afinadas. O famoso jargão, “jogar conversa fora”, no Dida pode ganhar várias conotações, inclusive de empoderamento. O local tem a característica de abrir suas portas para eventos diversificados, o que dá ao carioca e ao turista a oportunidade de trocar ideias sobre temas importantes da sociedade. E de um jeito bem interessante: com graça, risos, paladares e brindes.

Dida: uma mulher realizadora: “Isso que você está vendo é a realização de um sonho”, é assim que Dida Nascimento, inicia falando sobre o Dida Bar e Restaurante. Um sonho que ela realizou depois de se aposentar como Diretora de Seguridade do Fundo de Pensão de uma grande concessionária de Distribuidora de Energia. “Depois da aposentadoria, vi que ainda tinha muita lenha pra queimar e aí juntei a minha paixão pela África e o meu prazer em cozinhar para de certa maneira, seguir os passos de minha mãe”, relata com brilho no olhar.

Dida conta que sua mãe tinha uma barraquinha na Pavuna que fazia o maior sucesso: “lá tinha comida, samba e, de vez em quando, ela até parava o samba para rezar alguém que estava precisando, era um verdadeiro quilombo”, diverte-se ao lembrar. E mais, confessa que tem um sonho e neste momento, uma lágrima escapa discretamente: “quero colocar tapete vermelho para a negada, quero uma festa no mais alto estilo black tie, a gente merece”. Além do glamour, ela também reforça e estimula a importância da formação acadêmica. Como economista, trabalhou para garantir a educação dos três filhos. Hoje formados, ajudam na administração e na condução do empreendimento. Ela relembra, que antes do Dida Bar e Restaurante fazia a Festa da África, no salão de seu prédio, e as realizações estavam associadas à celebração de uma conquista na área da Educação. “Era o dia todo com jongo,

capoeira, samba de roda, pratos africanos e palestra do procurador Wilson Prudente para nos incentivarmos a ascender na vida”, conta Dida.

E realizando estas festas, descobriu que em Moçambique, cada família tem o seu tempero. E desenvolveu o tempero da sua família. Entre os condimentos que dão o sabor especial a sua culinária, também estão doses generosas de garra e determinação. Apesar de ser uma respeitada empresária, ainda enfrenta situações constrangedoras de boicote. E, quanto a isso, ela manda um recado: “o problema é que gente incomoda, alguns não acreditam no nosso potencial e nos subestimam, mas não me abalo. Eles que me aguardem”. (Reportagem disponível em: http://www.reakro.org/site/ntc_dest.asp?s_item=ntc88. Editado para fins didáticos. Acesso em 03.10.2018)

O empreendimento Dida Bar e Restaurante mostra-nos a história de uma mulher negra que foi em busca de seus sonhos ao juntar o gosto pela culinária e seu amor pelo continente africano.

a) Retire um trecho da reportagem que demonstre a afirmativa acima.

b) Qual a relação existe entre a culinária que Dida elabora e o continente africano?

c) De posse das histórias de Josefa Moçambique e Dida Nascimento, estabeleça duas semelhanças na trajetória das personagens.

ATIVIDADE 5**De Josefa para Dida**

Nesta etapa, convido vocês para a seguinte experiência: e se Josefa pudesse escrever uma carta à Dida? Que conselhos nossa quitandeira deixaria para a empresária do Rio de Janeiro? Alguma receita de um doce muito apreciado nos tempos do Rio imperial? Alguma palavra amiga de encorajamento? Deixe a imaginação correr solta e compartilhe com a turma o resultado.



Oficina 2

Andarilhos da liberdade

Tema: Relações de solidariedade no mundo escravista.
Título: Andarilhos da Liberdade
Conteúdos Históricos: <ul style="list-style-type: none">- Estratégias de resistência escrava-Relações de solidariedade na escravidão
Tempo da atividade: 4 tempos de aula
Recursos necessários: <ul style="list-style-type: none">-Cópias do anúncio de fuga-Fichas do questionário-Folha A4 para elaboração da carta-Jogo da memória.
Objetivos da atividade: <ul style="list-style-type: none">- Entender a personagem como um agente histórico.-Analisar as estratégias de fuga.-Experenciar de forma lúdica o cotidiano escravista no século XIX.
Avaliação: A avaliação estará pautada no desenvolvimento das questões propostas no questionário, na narrativa e no jogo da memória.
Sugestões bibliográficas: <p>KARASCH, Mary Catherine. A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p>

Atividade 1**Contato com fonte histórica**

Leia a fonte histórica abaixo:

81 No dia 28 de Setembro do corrente anno, fugio huma preta por nome Clara, de nação Rebola costumava vender quitanda no cães da Sra. da Gloria, e pelas mais da Cidade, fugio com hum escravo do Capitão João Monteiro da Silva, morador na rua da Pedreira da Gloria, o qual tem hum citio nas terras do Engenho Novo, a escrava he muito fulla, magra desdentada, tem signaes pelo rosto hum golpe acima do nariz, levou vestida saia de ganga azul de babados, pano da Costa, de riscado novo, e toda a sua roupa; quem a pegar queira mandar entregar na prizão do Callabouço, e seu Sr. mora na rua da Pedreira da Gloria n. 48, que pagará as despesas e gratificará.

Diário do Rio de Janeiro, 04 de outubro de 1830. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

a) Faça uma descrição da fonte apresentada.

b) Caracterize a personagem retratada quanto à sua mobilidade física:

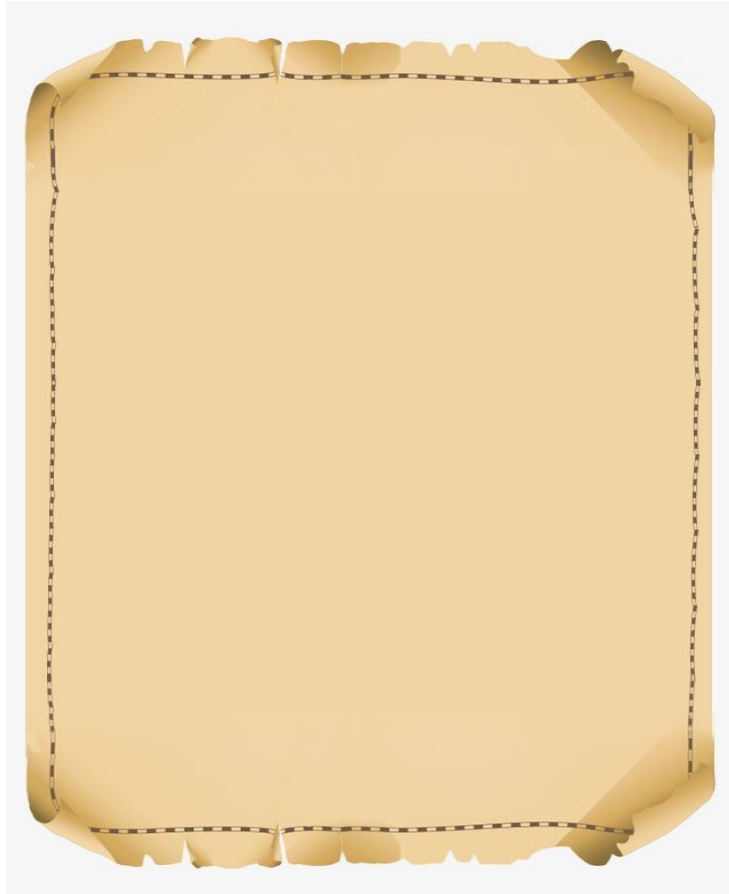
c) Discuta com seus colegas a seguinte questão: Qual foi a estratégia pensada por Clara Rebolo?

d) No anúncio, observamos que Clara não fugiu sozinha. Ela contou com a presença de um companheiro. Sobre esse, escreva as principais informações obtidas.

Atividade 2

Contando história

Sobre as redes de parceria entre as pessoas escravizadas, é sabido que muitos poderiam tê-las para construir uma vida melhor. Por isso, formaram famílias, amigos, laços de compadrio, grupos de trabalho e de fé. A história de Clara revela-nos que sua fuga contou com a participação de um escravizado. Convido vocês a elaborarem uma história fictícia com o título “Andarilhos da liberdade”. Explore nessa narrativa a rede de solidariedade tecida por Clara e seu companheiro de fuga, bem como seu nome, profissão, características físicas e ideias. Crie também um desfecho para esta história: o que aconteceu com eles? Tiveram sucesso na empreitada rumo a uma nova vida? Explore ideias e possibilidades.



Atividade 3

Jogo da memória.

Um jogo da memória a partir das informações do anúncio de fuga pode ser muito interessante. Como sugestão, selecionamos alguns itens que podem estar presentes na brincadeira e que possibilitam um contato maior com as minúcias históricas que a documentação revela. Tudo isso com muita diversão! Vamos jogar?

Para formar as peças do jogo, é possível pesquisar imagens do século XIX e também atuais que remetam às informações do anúncio. Como exemplo, é possível citar as pinturas sobre:

- a região do cais da Glória (Peça 1)
- escravos da nação Rebolo (Peça 2)
- as indumentárias usadas por mulheres negras (Peça 3)
- o trabalho das quitadeiras nas ruas (Peça 4)
- um mapa com a localização da região africana de Rebolo (Peça 5)

Caso o docente queira, também é possível solicitar que os alunos façam desenhos sobre esses tópicos e os mesmos tornem-se peças do jogo.



Peça 1. Outeiro da Glória por Nicolas Antoine Taunay (século XIX). Fonte: <http://naofoinogrito.blogspot.com/2011/09/nao-foi-no-grito-015.html>



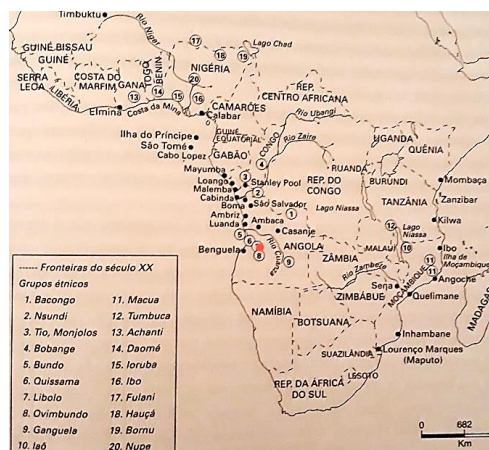
Peça 2. Africana Rebola, de Rugendas. Fonte: <https://pt.slideshare.net/marialuzinete/rugendas-e-debret-retratos-da-escravido-no-brasil>



Peça 3. Mulheres negras do Rio de Janeiro. De Rugendas. Fonte: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3422.pdf>



Peça 4. Quitadeiras de diversas qualidades. De Jean Baptiste Debret. Fonte: <https://pt.slideshare.net/Arquivos-arte/aula-debret>



Peça 5. Mapa focalizando o centro-oeste africano e destacando a região de Rebo (também possivelmente conhecida como Libolo). Fonte: KARASCH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro*. 2003, p.53.

Oficina 3

A beleza da resistência

Tema: O corpo negro como ferramenta de (re)existência
Título: A beleza da resistência
Conteúdos Históricos: <ul style="list-style-type: none">-A pluralidade de nações africanas no Rio de Janeiro no século XIX- A corporeidade negra como forma de resistência à escravidão.-Valorização da estética negra na sala de aula.
Tempo da atividade: 3 tempos de aula
Recursos necessários: <ul style="list-style-type: none">-Cópias do anúncio de fuga-Fichas para preencher-Cartões de papel para o jogo das generalizações-Folhas A4, giz de cera com tons de pele negra, retalhos de tecido e material de papelaria.
Objetivos da atividade: <ul style="list-style-type: none">-Experenciar o ofício do(a) historiador(a) junto às fontes históricas.-Refletir sobre as várias formas de ser escravo-Romper com estereótipos sobre a participação de mulheres negras na história do Brasil.-Vivenciar momentos de valorização da cultura e beleza da mulher negra
Avaliação: Desempenho no jogo das generalizações e participação em sala com as atividades propostas.
Sugestões bibliográficas: <p>SOARES, Carlos Eugênio Líbano; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.</p>

Atividade 1

Contato com fonte histórica

a) A partir da leitura, escreva três perguntas que são possíveis de serem feitas às fontes.

70 No dia 24 de Outubro p p.de-
zappareceu huma escrava , de nome Joa-
quina , de nação , que andava venden-
do fazendas pelas ruas , em huma cai-
xa de folha , e nesta tinha o valor de
49\$200 rs. , cuja escrava he bonita de
rostro , posto que nelle tenha signaes ,
assim como nos braços , de lanhos ao
comprido , enfeites propios de seu paiz
natal , he bem feita de corpo , e foi
de vestido de chita , com palmas cor
de rosa , na cabeça hum lenço marell-
lo , e hum branco com chadrez arrocha-
do , no pescoço , e sobre os hombros
hum pano da Costa , com listas azula-
das , entre outras brancas.

Diário do Rio de Janeiro, 07 de novembro de 1831. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Pergunta nº1

Pergunta nº2

Pergunta nº3

b) Você se surpreendeu com alguma informação dada pelo anúncio? Explique sua resposta.

c) Essa surpresa foi positiva ou negativa? Anote aqui e compartilhe suas reflexões com a turma.

ATIVIDADE 2

Jogo das generalizações.

Chegou a hora de vocês duelarem! Com a turma dividida em dois grupos, faça um sorteio das frases genéricas abaixo sobre a personagem Joaquina. Cada equipe será desafiada a detectar a generalização e reescrever de forma correta de acordo com a análise da fonte.

“Todas as mulheres negras trabalhavam dentro das casas dos senhores e senhoras escravistas fazendo tarefas como cozinhar, lavar e passar.”

“Quando escravizada, nenhuma mulher poderia ser vista usando bons trajés e adereços”

“Era impossível uma pessoa escravizada acumular dinheiro ou bens”

“A expressão “de nação” significava que homens, mulheres e crianças eram nascidos no Brasil”

Atividade 3

Retrato falado

Elabore um desenho livre de nossa personagem com base na descrição do anúncio. Use e abuse do giz de cera em tons pele negra, recortes de tecidos e cola colorida.



Oficina 4

Encontro precioso

Tema: A maternidade de mulheres negras em sociedades escravistas
Título: Encontro precioso
Conteúdos Históricos: <ul style="list-style-type: none">- Importância e preservação de fontes históricas para o estudo do passado- O cotidiano de escravizados recém chegados do tráfico.- Condições de vida de mulheres grávidas na escravidão e o ofício da ama de leite.
Tempo da atividade: 4 tempos de aula
Recursos necessários: <ul style="list-style-type: none">- Cópias do anúncio de fuga do Diário do Rio de Janeiro- Fichas a serem preenchidas- Cópias com a letra da música <i>Um corpo no mundo</i>- Caixas de som e notebook- Material de papelaria (cartolina, barbante, cola colorida, lápis de cor, etc)-Material para confecção das bonecas Abayomi (pedaços de tecidos diversos e ervas como camomila ou alfazema)
Objetivos da atividade: <ul style="list-style-type: none">- Refletir sobre o processo de preservação de uma fonte histórica.-Analisar as condições de travessia de indivíduos escravizados e ladinização dos mesmos em sociedades escravistas.- Entender o ofício das amas de leite em sociedades escravistas.
Avaliação: Produção das linhas do tempo e participação em sala.
Sugestões bibliográficas: <ul style="list-style-type: none">- KARASCH, Mary Catherine. A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Atividade 1

Contato com fonte histórica

Leia a fonte abaixo e responda.

76 No dia Quarta feira do anno p. p. fugio huua escrava de nação Moujolla, de idade 20. annos pouco mais ou menos, estatura ordinaria, olhos grandes corretinta. lanhos muito miudinhos quasi imprecetiveis, bocca pequena, falta-lhe 2 dentes na frente do queixo de baixo, andar de perequito, he bonita, falla atrapalhado, ceja preta consta que pario, e que se alugára como ama, tendo antes disto andado a vender quitanda para o lado de S. Christovão; quem della souber terá boas alvigaras, e para esse fim dirija-se á rua da Ajuda n. 137, o que tudo se pede por especial favor.

Diário do Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1830. Fonte: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

a) Que documento é este?

b) Quem é a/o protagonista da situação narrada?

c) O que mais chamou sua atenção na leitura? Justifique sua resposta.

d) Você considera importante a preservação desse material? Por quê?

Atividade 2

Solta o som

Ouçã e discuta a cançã *Um corpo no mundo*, da cantora Luedji Luna.



Luedji Luna é mulher, negra, cantora e compositora. Ela nasceu na Bahia, tem 30 anos e é filha de ativistas do Movimento Negro. A sua primeira composição foi feita aos 17 anos, mas somente anos depois iniciou aulas na Escola Baiana de Canto Popular. A partir de então, fez seus primeiros shows e atualmente mora em São Paulo a fim de construir sua carreira artística. *Um Corpo no Mundo* é título de seu primeiro álbum que lhe rendeu visibilidade na Internet. Dentre os temas de suas canções estão a diáspora negra, o período da escravidão e o racismo na sociedade.

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/especiais/luedji-luna-faco-musica-na-perspectiva-da-cura/>.

Um corpo no mundo

(Luedji Luna)

Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus

Eu sou um corpo
Um ser

Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar

Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora

Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas

E palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Je suis ici
E a palavra amor cadê?

(Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luedji-luna/um-corpo-no-mundo/>. Acesso em 09/11/2018)

a) Separe a turma em grupos e divida a letra da música em trechos. Cada equipe deve discutir a canção e propor correlações à trajetória de nossa personagem retratada na fonte histórica. Ao fim, todos devem compartilhar suas conclusões.

Trecho 1
*Atravessei o mar
Um sol da América do Sul me guia
Trago uma mala de mão
Dentro uma oração
Um adeus*

*Eu sou um corpo
Um ser*

Trecho 2

*Um corpo só
Tem cor, tem corte
E a história do meu lugar
Eu sou a minha própria embarcação
Sou minha própria sorte
E Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queria mais
Je suis ici agora*

Trecho 3

*Cada rua dessa cidade cinza sou eu
Olhares brancos me fitam
Há perigo nas esquinas
E eu falo mais de três línguas*

Trecho 4

*E palavra amor, cadê?
Je suis ici, ainda que não queiram não
Je suis ici, ainda que eu não queira mais
Je suis ici, agora
Je suis ici
E a palavra amor cadê?*

b) O que significa o trecho “se alugara como ama”?

c) Você acha que é possível relacionarmos tal condição à fuga elaborada por nossa personagem? Por quê?

Atividade 3

Linha do tempo

A saga de nossa personagem chama a atenção: uma escrava que recentemente deu à luz, foge. Essa história nos faz pensar em muitos fins: qual seria o seu nome e do seu bebê? Por que ela foge? Para onde? O que queria encontrar? Pensando nisso, com ajuda de sua professora (o), elabore uma linha do tempo com os principais eventos que temos acesso acerca da vida de nossa personagem: do mais antigo, passando pelo mais recente e sugerindo um futuro como desfecho dessa história. A linha do tempo pode ter diversos formatos e ser feita de diferentes materiais, como cartolina, varal com barbante ou até um vídeo feito com seu celular. Organize os dados com sua turma discutindo o máximo de informações possíveis de serem extraídas da fonte e apresente sua produção.

Atividade 4

Oficina *Bonecas Abayomi*

Para finalizar a oficina, propomos que a turma conheça a história das bonecas negras Abayomi e confeccione as suas inspiradas no caso da personagem de nação Monjolo.



Leia o texto “Bonecas Abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino” disponível em:
<https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>.

Análise de resultados

1. Qual o nome da(s) oficina(s) que você participou?

2. O que mais lhe agradou na atividade?

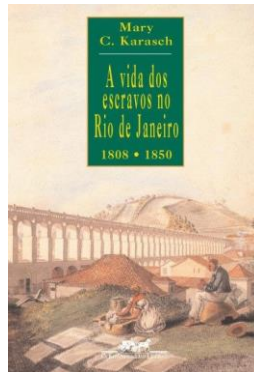
3. Por quê?

4. Como você julga a importância de ter tido uma aula como essa?

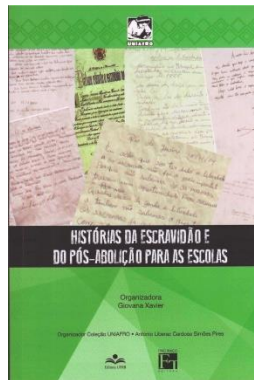
5. Alguma ideia pessoal sobre a história das mulheres negras na escravidão mudou depois dessa(s) atividade(s)? Se sim, diga qual(is)

Sugestão de leitura

- *A vida dos escravos no Rio de Janeiro*. Autora: Mary Karasch



- *Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas*. Organizadora: Giovana Xavier



- *Negro na rua: a nova face da escravidão*. Autora: Marilene Rosa Nogueira da Silva.



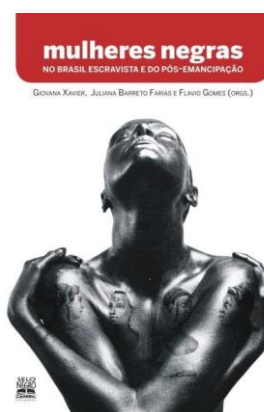
- *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro 1808-1822.*
Autora: Leila Mezan Agrantí



- *Dicionário da Escravidão e Liberdade.* Organizadores: Lilia Schwarcz e Flávio Gomes.



- *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação.* Organizadores: Giovana Xavier, Juliana Barreto Farias e Flávio Gomes.



Referências bibliográficas

Fonte

Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Hemeroteca Digital Brasileira

Diário do Rio de Janeiro, 1830-1832.

Bibliografia

ABREU, Martha; Mattos, Hebe; Dantas, Carolina V. Em torno do passado escravista: as ações afirmativas, os historiadores e o papel da memória-dever no ensino de história da África e cultura africana afro-brasileira. In: XAVIER, Giovana (Org.). **Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas**. UFRB (Cachoeira) e Fino Traço (RJ), 2016, v.7, p311-324.

ADICHE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Disponível em : http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br . Acesso em 26 de junho de 2017.

ALBERTI, Verena. Proposta de material didático para a história das relações étnico-raciais. **Revista História Hoje**. v.1, nº1, p 61-88. 2012. Disponível em: <<https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/19> > Acesso em 30 de janeiro de 2017.

_____. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-brasileira. In: PEREIRA, Amílcar Araújo; MONTEIRO, Ana Maria (org.). **Ensino de História e Culturas Afro-brasileiras e Indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar A. (Org.) **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC/FGV, 2007.

ALBUQUERQUE Jr, Durval M. de. Regimes de historicidade: como se alimentar de narrativas temporais através do ensino de História. IN: GABRIEL, Carmem T.; MONTEIRO, A. M.; MARTINS, M. B. **Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História**. Rio de Janeiro: Maud X, 2016. (19-42).

ALENCASTRO, L. F. de. "Vida privada e ordem privada no Império". In: ALENCASTRO (coord.) **História da vida privada: 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente. Estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro – 1808-1822**. Petrópolis: Vozes. 1988.

BERTH, Joice. **O que é Empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2 edição. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 29 de janeiro de 2003**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm>. Acesso em: dezembro de 2018.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília: Ministério da Educação, 2004, p. 10.

CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da história escolar. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca (Orgs). **O ensino de História em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015, p. 17-36,

CANDAU, Vera Maria (Coord.). **Somos tod@s iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1962.

CASTELLUCI, Aldrin Armstrong; SOUZA, Robério Santos. Os trabalhadores negros na história social do trabalho no Brasil: o longo século XIX. In: XAVIER, Giovana (Org.). **Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas**. UFRB (Cachoeira) e Fino Traço (RJ), 2016, v.7, p. 201

CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CORREIA, Janaina dos Santos. Usos da fonte literária no ensino de história: diálogo com romance "Úrsula". **História & Ensino**, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12451/11906>> Acesso em 20 de junho de 2017.

COSTA, Marcella Albaine. Ensino de História e tecnologias digitais: trabalhando com oficinas pedagógicas. **Revista de História Hoje**, vol. 4, nº 8. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/202>. Acesso em 28/09/2018.

COSTA, Warley da. **As imagens da escravidão nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental: representações e identidades**. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação, PPGE UNIRIO, Rio de Janeiro, 2006.

DIAS, Elaine C. J.; Dentes limados: a saúde bucal dos escravizados a partir dos anúncios de fuga (Paraíba 1850). **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Juliana Barreto. Ser escrava de ex-escravos: ensino de história, historiografia, "temas sensíveis". In: XAVIER, Giovana (Org). **Histórias da escravidão e do pós-abolição para as escolas**. Belo Horizonte: Traço Fino, 2016. (p.215-231)

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e ensino de História**. 3ª. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GOMES, Flavio dos Santos. Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil. **Tempo**, Rio de Janeiro, volume 1, 1996.

_____; REIS, João José. **Liberdade por um fio: histórias dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. p.9. 1996.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, jan/Abr 2012.

GUIMARÃES, M. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, 1988, p. 5-27.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. Intelectuais Negras. **Estudos feministas**. Dossiê mulheres negras. Ano 3, vol. 2, 1995.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966.

KARASCH, Mary Catherine. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro. 1808-1850**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como um lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. **Repensando o Ensino de História**. 5 Edição revisada. São Paulo: Cortez, 2004, p.33.

LARA, Sílvia Hunold. Blowing in the wind: E.P. Thompson e a experiência negra no Brasil. **Projeto História**. São Paulo, n.12, p. 43-56, out. 1995.

LIMA, Mônica. Prefácio. In: MONTEIRO, Ana. M.; PEREIRA, Amílcar. A. **Ensino de História e cultura afro-brasileira e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Ensino de História: entre História e Memória. In: Gilvan Ventura da Silva; Regina Helena Silva e Simões; Sebastião Pimentel Franco. (Org.). **História e Educação: territórios em convergência**. 1ed.Vitória (ES): GM/ PPGHIS/UFES, 2007, v. 1, p. 59-80.

_____; Pereira, Amílcar Araújo (Orgs). **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

_____; PENNA, Fernando de Araújo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira". **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr. 2011.

MOREIRA, Antônio Flávio B.; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2002. p.8.

PEREIRA, Amilcar Araujo. Por uma autêntica democracia racial: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de História. **Revista História Hoje**. vol. 1, n.1, jun/2012, p.111-128.

_____. Era só mais um Silva que a estrela não brilha? Paulo Silva e as relações raciais no Brasil. In D'ADESKY, Jacques e SOUZA, Marcos T. (Orgs.) **Afro Brasil: debates e pensamentos**. Rio de Janeiro: Cassará Editora, 2015.

_____. Resistência também dentro da escola. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. nº101, fev/2014, p. 80.

REIS, João José. Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. **Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 7-33.

_____; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1989.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Além da senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2010.

SCHMIDT, Maria A.; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Editora scipione, 2009, p.117.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SLENS, Robert. **Na Senzala uma Flor: Esperanças na Formação da Família Escrava. Brasil Sudeste, século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **Zungu: rumor de muitas vozes**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro, Prêmio Arquivo Estadual, 1998.

_____; GOMES, Flávio dos Santos; FARIAS, Juliana Barreto. **No labirinto das nações: africanos e identidades no Rio de Janeiro, século XIX**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SOARES, Luís Carlos. **O povo de Cam na capital do Brasil: a Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: FAPERJ – 7Letras. 2007.

TRINDADE, Azoilda. Fragmentos de um discurso sobre afetividade. **Caderno Modos de Brincar**, 3 TMP. Saberes e fazeres, v.1 : modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006, p. 101. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/sites/default/files/kit/Caderno1_ModosDeVer.pdf> Acesso em: 04 de fevereiro de 2017.

Outras referências

Mulheres negras são maioria, mas ainda sofrem preconceito. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-sao-maioria-mas-ainda-sofrem-com-preconceito/>>. Acesso feito em 01/12/2018.

Dida: Point de Sabores e Saberes. Disponível em: <http://www.reakro.org/_site/ntc_dest.asp?s_item=ntc88>. Acesso feito em 13/12/2018.

Bonecas Abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>. Acesso feito em 13/12/2018.

Designer do material:

Paloma Nepomuceno
- FOTOGRAFIA E DESIGN